

viva do amor, auxiliando em silêncio as vítimas do desequilíbrio que tombam sem saber que se arrastam no lodo.

— o —

Usa, pois, cada hora, a compaixão sem termos e o perdão sem limites, porque o próprio Jesus, perante os nossos males, exclamou, complacente:

— “Em verdade, eu não vim para curar os sãos.”

XIX

Duelos

REALMENTE, a civilização baniu o duelo das praças públicas e não mais vemos espadas desembainhadas, suscitando aflição, ferimento e morte.

— o —

Os códigos evoluídos reprimem hoje, nos povos mais cultos, semelhantes manifestações de animalidade e selvageria.

Entretanto, se as lâminas repousam

ensarilhadas, não ocorre o mesmo com os dardos envenenados da vida mental.

— o —

Muitas vezes, arremessamos raios de perturbação e indisciplina, angústia e destruição para todos os ângulos da estrada em que a nossa vida se movimenta.

São os pensamentos desvairados do psiquismo deprimente.

Não raro, arrojamo-los, desprevenidos, contra o amigo que não nos compreende;

endureçamo-los, sem piedade, para quantos nos desatendem ao egoísmo;

enviamo-los aos parentes que não se afinam com as nossas maneiras e concepções;

protejamo-los sobre aqueles com quem não edificamos ainda os alicerces da simpatia;

detonamo-los contra as pessoas que

não nos aceitam os padrões vivência e trabalho;

e, nessa provocação permanente, perante as inteligências desiguais que nos cercam, improvisamos e permutamos males e enfermidades, problemas e obstáculos que, indubitavelmente, se voltam depois contra nós.

— o —

Em razão disso, a vida na Terra ainda se encontra muito distante do roteiro de harmonia e de amor que o Céu espera de nossa conduta vulgar.

— o —

De quando a quando, guerras civis e internacionais são as crises nevrálgicas dos nossos duelos cronificados do pensamento intemperante e insubmisso.

— o —

Mas, assim como as convenções impuseram o repouso da espada entre

amigos, na obra da civilização, o Evangelho consolidará o serviço legítimo da educação espiritual, em cuja grandeza aprendemos a ver circunstâncias e pessoas, no lugar que lhes compete, encontrando a verdadeira felicidade no dever de servir com Aquele que, pelo Reino do Amor, não hesitou em aceitar o sacrifício e a cruz por normas de aquisição da paz inextinguível.

XX

A Deus,
nosso pai
pedra sonha com a sensação de
planta.

A árvore aspira o instinto animal.

A fera vislumbra a inteligência.

O selvagem candidata-se à luz da razão.

O homem deseja para si o brilho do anjo.

E o anjo entrevê a celeste escalada de